

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO

MARCOS ALEX NICOLAIKO CORDOVA

CULTURA DE COOPERAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO NAS ESCOLAS

LAGES

2018

MARCOS ALEX NICOLAICO CORDOVA

**CULTURA DE COOPERAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO NAS ESCOLAS**

Trabalho de Conclusão de Curso vinculado ao Curso de Especialização em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa

Orientador (a): Dra. Madalena Pereira da Silva

Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Políticas Públicas.

LAGES

2018

RESUMO

A avaliação da aprendizagem escolar apresenta-se como um tema que provoca reflexões constantes na área educacional, constituindo-se como fonte inesgotável de angústias entre o coletivo escolar. Neste trabalho é proposta uma pesquisa-ação que visa verificar se a cultura de cooperação entre alunos, praticada na execução de atividades propostas, pode ser adotada como instrumento de avaliação a ser usado pelo professor. Partimos do pressuposto que essa abordagem contribui para o conhecimento significativo e formação emancipatória dos alunos. A pesquisa-ação foi realizada numa turma do 7º ano, turno noturno, de uma Escola Municipal de Educação Básica na cidade de Lages/SC. Como resultados observou-se que a cultura de cooperação, criada com a coparticipação dos alunos e professor é uma alternativa viável, pois todos se sentiram participantes de uma nova abordagem avaliativa que prioriza as interações sociais, a colaboração, cooperação e o respeito mútuo.

Palavras-chave: Avaliação, Cultura de Cooperação, Pedagogia da Cooperação.

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO	5
1.1 Título	5
1.2 Pesquisadores.....	5
1.3 Local da Realização da Pesquisa	5
1.4 Público-alvo	5
1.5 Período de execução.....	5
1.6 Objetivos da proposta.....	5
2 JUSTIFICATIVA.....	5
3 METODOLOGIA	8
4 RESULTADOS	9
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS.....	14

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Título

Cultura de Cooperação Como Instrumento de Avaliação nas Escolas

1.2 Pesquisadores

Pós-Graduando(a): Marcos Alex Nicolaiko Cordova

Orientador(a): Madalena Pereira da Silva

1.3 Local da Realização da Pesquisa

Escola Municipal Educação Básica Mutirão – EMEB Mutirão

1.4 Público-alvo

Alunos do 7º ano noturno

1.5 Período de execução

Agosto a Outubro do ano de 2018

1.6 Objetivos da proposta

Observar se a cultura de cooperação entre alunos, praticada na execução de atividades propostas, pode ser adotada como instrumento de avaliação a ser usado pelo professor.

Refletir sobre as formas de avaliação e valorização da aprendizagem com as trocas de conhecimentos e experiências provenientes das interações sociais e trabalho cooperativo.

2 JUSTIFICATIVA

A cultura de cooperação, aqui com foco na Pedagogia da Cooperação (CHEIBUB e CHEIBUB, 2013, p.1) é uma abordagem de ensino-aprendizagem realizada de forma cooperativa e colaborativa, onde todos são considerados mestres-aprendizes, “com-vivendo a descoberta de si mesmos e do mundo, através do encontro com os outros, diante de situações-problema que os desafiam a encontrar soluções cooperativas para o sucesso de todos e para o bem-estar Como-Um” (BROTO, 2018, p. 1).

De acordo com Thurler (2002) “é preciso que os profissionais sejam – ou se tornem os principais atores e responsáveis pelas mudanças a serem feitas em seu estabelecimento de ensino”. Indo um pouco além, acreditamos que não somente os professores, mas os alunos também podem colaborar na construção de novos métodos de avaliação. Diante disso entendemos que a avaliação é um momento de reflexão contínua e colaborativa, onde o agente mediador do processo de ensino e aprendizagem é o professor, mas o aluno pode opinar e sugerir melhorias para que todos aprendam. Considerando que a aprendizagem é um processo contínuo, diferentes formas de avaliação têm sido adotadas:

Ao analisarmos as diferentes formas de avaliação (prova; trabalho; participação nas aulas; tarefas; frequência; assiduidade, entre outras), entendemos a importância de avaliar para aperfeiçoar as estratégias de modo a auxiliar os professores em sala de aula e valorizar o conhecimento dos alunos. O comprometimento de todos os educadores na busca de melhores resultados para a educação, avaliando e aperfeiçoando essas formas contribuem com melhorias que refletem no desempenho dos alunos.

Libâneo (1994) comenta que “a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas”. Portanto, nesse trabalho propomos uma reflexão sobre os métodos (formas) de avaliação, tendo como contribuição a reflexão da cultura de cooperação como uma possível abordagem avaliativa.

A cultura de cooperação é um sistema composto por princípios, processos, práticas e procedimentos orientados por um propósito de instaurar um cooperativismo e colaboração nas relações humanas, assim, cada pessoa é considerada um mestre-aprendiz que, em conjunto com as outras, descobre a si mesma de modo a fortalecer sua autonomia ao mesmo tempo em que promove o bem comum. (BRETAS, 2017, p. 1).

Nesse sentido, pretendemos com o resultado de nossa pesquisa, a abertura de novos horizontes, para avaliarmos de modo diferenciado, visando valorizar as interações sociais, a colaboração, a cooperação e o respeito mútuo na execução das atividades propostas em sala de aula.

Considerando que a avaliação é um assunto de extrema reflexão, esboçaremos algumas discussões relevantes a respeito da avaliação de desempenho escolar. Segundo Fernandes (2009) o principal propósito da avaliação:

[...] É o de melhorar as aprendizagens, ajudar os alunos a superar suas dificuldades, uma cultura que parte do elementar princípio de que todas as crianças e jovens pode aprender. É de classificar, certificar, aceitando que a alunos que não podem aprender, desenvolvendo uma cultura cujos resultados estão em geral associados à

desmoralização, à repetência e ao abandono escolar de milhares de crianças e jovens (FERNANDES, 2009, p.29).

Assim como Fernandes (2009), o autor Libâneo (1994) discorre que “a avaliação cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar”.

[...] A função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação cumprimento dos objetivos gerais e específicos de educação escolar. A função diagnóstica permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir a exigências dos objetivos. A função do controle se refere aos meios e a frequência das verificações e de qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas (LIBÂNEO,1994, p. 196).

Cavalcanti Neto (2009, apud Lukesi, 2005) destaca que o papel da avaliação é diagnosticar a situação de aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando. Lukesi (1995) diz que a avaliação é como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. É preciso que os educadores entendam a avaliação como um processo contínuo, de caráter formativo, onde avaliar seja um processo diário de diagnóstico.

Freitas et. al. (2009) sugere a substituição da visão linear de avaliação (métodos e formas tradicionais de avaliação) por outra baseada na natureza dinâmica e contraditória das categorias, trazendo uma alternativa de organização do trabalho pedagógico a ser adotado em sala de aula, permitindo organizar o processo de ensino – aprendizagem em dois grandes núcleos ou eixos interligados:

[...] Objetivos/avaliação; (justaposta aos próprios objetivos, formando um par dialético com eles). Conteúdo/ método; (os conteúdos e o nível de domínio destes, projetados que possibilitarão ao aluno demonstrar seu desenvolvimento em uma situação de avaliação). Os objetivos e a avaliação orientam todo processo que se segue (FREITAS et. al. 2009, p.14).

Considerando os critérios de avaliação adotados pela escola, pode-se perceber que é possível avaliar, contudo, de encontro com Godoi (2018), nossa preocupação é que esses critérios de avaliação sejam instrumentos eficientes no ensino aprendizagem. Notadamente temos que aperfeiçoar os instrumentos para avaliar e proporcionar a oportunidade ao aluno para que seu desenvolvimento seja satisfatório.

No início do século passado Durand apud Wood Jr. (2002, p.58), “construiu um conceito de competência baseado em três dimensões –conhecimentos, habilidades e atitudes– englobando não só questões técnicas, mas também a cognição e atitudes relacionadas ao

trabalho, que nesse caso mostra que competência diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes, necessários à realização de determinado trabalho”. A pesquisa-ação aqui proposta usará desse modelo para propor a cultura de cooperação como estratégia de avaliação.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada segue uma abordagem qualitativa com uso da pesquisa-ação. A pesquisa, composta de três etapas, foi desenvolvida em agosto e setembro no ano de 2018, numa Escola de Educação Básica Municipal, com o 7º ano, turno noturno do ensino fundamental. E a devolutiva ocorreu no mês de outubro.

Os alunos foram alocados em grupos pequenos e heterogêneos para trabalharem em conjunto em prol do alcance de objetivos comuns. Nas interações sociais, os alunos aprendem e são responsáveis não somente pelo seu próprio aprendizado, mas também por motivar e propiciar a troca de conhecimentos com os colegas. A integração consiste em fazê-los trabalhar em grupos com atividades que favoreçam a cooperação, a colaboração e o respeito mútuo. Os valores e relacionamentos sociais e inter-raciais são melhorados com a elevação da autoestima e, por consequência do autoconhecimento, com isso os alunos participam mais das aulas.

Na primeira etapa foram entrevistados os professores sobre a possibilidade da inserção da cultura de cooperação como forma de avaliação. Na segunda etapa foi realizada a ação com os alunos. Nesse momento foram propostas atividades à serem realizadas de modo colaborativo e de cooperação. Os alunos foram informados sobre os critérios de avaliação. As atividades foram executadas e os alunos foram avaliados com base nos critérios. Na terceira etapa que foi no próximo encontro, os alunos receberam a devolutiva das avaliações e através de roda de conversa refletiram, juntamente, com o professor e o pesquisador sobre a possibilidade da inserção da cultura de cooperação como forma de avaliação.

Sustentamos a ideia de que a abordagem de cultura de cooperação pode despertar o gosto pela escola e pelas aulas, melhorando as atitudes dos alunos em relação à escola, aos professores e aos colegas; diminuir problemas de indisciplina e “*bullying*” e até mesmo, tornar a aprendizagem divertida e prazerosa.

Para que a cultura de cooperação sirva como estratégia de avaliação nós utilizamos na pesquisa-ação, as estratégias propostas por Soler (2008), que consiste em estrutura grupos de trabalho; estimular a vontade e participação; gerenciar materiais e recursos humanos; valorização social; respeito mútuo; princípios de aprendizagem cooperativa; interdependência positiva; estruturas diferenciadas no ensino das unidades curriculares.

Ao utilizarmos a aprendizagem cooperativa, de acordo com Soler (2008), devemos ter como maior objetivo - construir nos alunos a vontade de cooperar, confiando e apoiando uns aos outros.

Na avaliação cooperativa o professor faz o papel mediador, sendo aquele que ajuda o aluno a aprender e age como mediador para que o grupo não perca de vista o objetivo proposto, para isso Soler (2008) sugere o uso de algumas “brincadeiras” para aumentar a participação e o interesse dos alunos nas aulas. Assim, com a cultura de cooperação, além de promovermos resultados acadêmicos nos alunos, estamos colaborando para formar pessoas melhores, mais responsáveis consigo mesmas e preocupadas com os colegas. Enfim, colaboramos com a melhora da sociedade como um todo.

Na pesquisa-ação proposta, as atividades foram planejadas com temas que permitam à colaboração, o engajamento de equipes, a transformação de conflitos e cultura da paz, sendo abordadas as práticas da Pedagogia da Cooperação. Por meio de vivências e reflexões essa pesquisa mostrará como a abordagem permite criar ambientes colaborativos, orientados pela (co)responsabilidade, criatividade, autonomia, ajuda mútua, respeito e integração das diferenças.

4 RESULTADOS

A pesquisa-ação visou à reflexão sobre as formas de avaliação e valorização da aprendizagem com as trocas de conhecimentos e experiências provenientes das interações sociais e trabalho cooperativo. Nesse viés foram realizadas reflexões para que os professores e alunos tivessem a percepção de que avaliar nessa perspectiva pode favorecer a autonomia, vivências lúdicas de competição e, especialmente, práticas cooperativas e de solidariedade. Nossa hipótese inicial foi confirmada, pois através das atividades propostas ocorreu a integração de experiências de cooperação, competição e atividades de negociação construtiva de conflitos, propiciando aos alunos um desenvolvimento diversificado e a internalização

construtiva de valores sociais, tais como a ajuda mútua, a colaboração, a empatia, e solidariedade.

Na etapa de apresentação da proposta, os professores foram receptivos e concordaram em realizar a entrevista quanto à possibilidade da inserção da cultura de cooperação como forma de avaliação. Através das análises das entrevistas conseguiu-se perceber que alguns professores ficaram interessados e ao mesmo tempo com receio, pois este método de avaliação exige mudanças de paradigmas. De modo geral, os professores descreveram que apoiam esta iniciativa, mas a mesma precisa ser avaliada por um maior período de tempo e carece de maturidade dos alunos para compreenderem o processo.

Muitos relataram a cultura de cooperação é uma forma inovadora e que muitos professores às vezes ficam com receio de aderir ao novo e ao desconhecido, mas que, há interesse na busca de novidades já que por muito tempo a avaliação foi usada como instrumento para classificar e rotular os alunos entre os bons, os que dão trabalho e os que não têm “jeito”. Como foi dito por um professor *“a prova bimestral, por exemplo, servia como uma ameaça à turma. Felizmente, esse modelo ficou ultrapassado e, atualmente, a avaliação é vista como uma das mais importantes ferramentas à disposição dos professores para alcançar o principal objetivo da escola: fazer todos os estudantes avançarem.”*. Ficou evidente que para os professores é essencial encontrar formas de avaliar para a promoção da aprendizagem, de modo que os alunos possam refletir sobre os erros e acertos e encontrar soluções, muitas vezes, com base na contextualização de cenários diversificados (interações sociais, trocas de experiências e vivências), bem como oferecer alternativas para uma evolução segura e emancipadora.

A maior preocupação dos professores refere-se à imaturidade dos alunos, pois a avaliação coletiva pode ser confundida com o “pegar carona”, e com isso, os próprios alunos (aqueles que se dedicam as atividades) podem desprezar essa forma de avaliação, além disso, o professor pode não ser preciso para avaliar as dificuldades e as potencialidades de cada aluno. Como foi citado pelo professor *“não é uma ferramenta de avaliação conclusiva, uma vez que reflete a realidade subjetiva do comportamento a partir de um conjunto de percepções diferentes”*. A análise das entrevistas permitiu evidenciar que temos vários olhares sobre a avaliação, mais todos os entrevistados externalizaram que buscam instrumentos de avaliação que oferecem a aprendizagem prazerosa e significativa aos alunos. Na visão dos professores, se houver maturidade de todos e o processo for conduzido com seriedade, a cultura de cooperação pode ser bem aceita, pois os professores e alunos participam, opinam e dão *feedbacks* sobre os critérios e processo de avaliação.

Na segunda etapa após a análise dos dados das entrevistas com os professores foi planejada a ação para os alunos. Para isso foram propostas duas atividades a serem realizadas de modo colaborativo pelos alunos. As atividades foram validadas com os professores da turma. Logo após a aceitação, ocorreu a ação com os alunos. As atividades foram apresentadas para os alunos, com os critérios de avaliação.

Os critérios de avaliação utilizados na ação foram os mesmos estabelecidos por Cavalcanti Neto (2009, p.229) e de acordo com a concepção de avaliação defendida por Lukesi (1995), sendo o primeiro critério “participação nas discussões dos conteúdos em sala de aula”, funciona como um mecanismo onde o professor articula estratégias para a participação ativa dos alunos nas aulas, onde o aluno deve questionar com sabedoria e argumentar ativamente sobre a temática exposta. O segundo critério refere-se ao “comprometimento com as tarefas assumidas”, responsabilizando os alunos quanto a pontualidade das entregas, responsabilidade e eficiência na realização das mesmas.

O terceiro critério “frequência e assiduidade” são dois fatores importantíssimos, para o envolvimento e permanência dos alunos durante as atividades propostas, bem como permanência nas aulas. Ressalvando que a assiduidade ajuda a reforçar os critérios anteriores no que se refere a sequência dos alunos na realização das atividades e por consequência favorecendo a aprendizagem (as atividades foram realizadas em dois encontros).

O quarto critério “interesse e envolvimento na execução de tarefas em grupo”, torna possível, que os alunos trabalhem e apresentem resultados em equipe. Esse é um importante item contribuindo para o desenvolvimento, socialização, troca de conhecimentos e saberes entre os alunos.

A primeira atividade consistiu em uma apresentação eletrônica, com imagens de Matemáticos, artistas da atualidade, atividades (quebra cabeça, Tangram) e exercícios matemáticos. Para cada atividade foi determinado um tempo de resposta que variava de 20s a 3min, qualquer integrante dos grupos poderia responder e/ou resolver as questões e os exercícios. A atividade foi executada em 5 rodadas iniciais. Como houve uma boa aceitação pelos alunos, outras rodadas foram oportunizadas.

A segunda atividade consistiu em balões pendurados ao teto com diversas tarefas sobre a matemática básica, charadas, curiosidades e pegadinhas. Os alunos foram convidados à elencar um colega por equipe para estourar um dos balões, depois de apanharem a “questão a ser resolvida” levavam até os outros colegas do grupo, para resolverem os desafios de forma coletiva, obedecendo os critérios combinados anteriormente. A tarefa foi executada em 10 rodadas.

Durante a realização das atividades foi possível avaliar a participação nos espaços pedagógicos de forma construtiva, a organização, a responsabilidade, o respeito mútuo, a autonomia, o empenho, a participação, a capacidade de intermediar conflitos e o cumprimento das tarefas.

No término das atividades foi realizada a devolutiva através de roda de conversa com reflexões a respeito da ação. Através dos relatos dos alunos e professor da turma evidenciou-se que a pesquisa-ação foi bem acolhida. A seguir, como forma de registro da pesquisa-ação, são apresentadas algumas fotos com os alunos que participaram da pesquisa-ação.



Fonte: autor 2018.



Fonte: autor 2018.



Fonte: autor 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as inovações e tecnologias que surgiram no último século, a literatura nos mostra que muitos educadores continuam usando os mesmos instrumentos de avaliação. Considerando que esta realidade deve ser alterada, apostamos na criação de instrumentos e estratégias de avaliação com a cultura de Cooperação.

Nessa cultura, todos são partícipes dos processos de ensino-aprendizagem, da criação de novos instrumentos de avaliação e espaços que alavanquem os quatro princípios norteadores da Pedagogia da Cooperação: “co-existência e o aprender a conhecer; convivência e o aprender a conviver; cooperação e o aprender a fazer e o princípio da comunidade e o aprender a ser” (BRETAS, 2017, p. 2).

Portanto esta pesquisa-ação teve como propósito verificar se a cultura de cooperação pode ser usada como uma nova abordagem de avaliação para ajudar a solucionar problemas, harmonizar conflitos, alcançar metas e a realizar objetivos de uma maneira eficiente e agradável numa turma do 7º. Ano do ensino fundamental.

Uma análise global da pesquisa ação permitiu evidenciar que como instrumento de avaliação, a cultura de cooperação nas escolas é um ganho para o processo sócio educativo, mas a mesma precisa ser implantada de forma gradual, pois carece de planejamento prévio e maturidade por parte de todos os envolvidos. Além disso, a mesma não pode ser a única forma de avaliação, deve ser intercala com outros métodos e a escola precisa apoiar e

compreender que a cultura de cooperação não é uma mera proposta infundada e sem resultados.

Por fim a proposta de mudança da postura do educador frente à avaliação não é uma questão simples. Para mudar a forma de avaliar, o professor precisa estar aberto a novos desafios, refletir suas metodologias e estratégias no processo de ensinagem. Ou seja, implica numa mudança de cultura e postura educacional. Além disso, é preciso a compreensão de que a avaliação não se dá separada de um projeto pedagógico. Ela acompanha todo o processo de aprendizagem, portanto, é necessário que tanto o projeto educacional quanto o planejamento do professor sejam capazes de aderir a esta nova abordagem: - cultura de cooperação como método avaliativo.

REFERÊNCIAS

- BRETAS, A. Pedagogia da Cooperação (Kit Fora da Caixa). Disponível em <https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-fora-da-caixa/pedagogia-da-coopera%C3%A7%C3%A3o-kit-fora-da-caixa-af7412216513>, acesso em 12 de agosto de 2018.
- BROTO, F. O. A Pedagogia da Cooperação: Construindo um Mundo onde Todos podem VenSer! Disponível em <https://pt.slideshare.net/katafrakta/a-pedagogia-da-cooperao>, acesso em 02 de agosto de 2018.
- CAVALCANTI NETO, A. L. G. e AQUINO, J. de L. F. A avaliação como um ato amoroso: o que o professor pratica? Educ. 2009, vol.25, n.2, pp.223-240 ISSN 0102-4698. Disponível em: www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/10.pdf, acesso em 02 de julho de 2018
- CHEIBUB, B. L.; CHEIBUB, A. M. de S. S. A Pedagogia da Cooperação no ensino superior. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 18 - Nº 180 - Mayo de 2013. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd180/a-pedagogia-da-cooperacao-no-ensino-superior.htm>, acesso em 01 de agosto de 2018.
- FERNANDES, D. Avaliar Para Aprender: Fundamentos, Práticas e Políticas. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- FREITAS. L. C. de... [et. al.]. Avaliação educacional: caminhando pela contramão-Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (coleção Fronteiras Educacionais).
- GODOI, M. F. de. Critérios de avaliação na aprendizagem escolar. Revista Scientific Magazine, disponível em <http://scientificmagazine.net/artigos%20PDF/CRIT%20DE%20AVALIA%20NA%20APRENDIZAGEM%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em 24 de junho de 2018.

LIBÂNEO, J. C. A avaliação escolar. In didática. São Paulo: Cortez, 1994. Organização e Gestão da escola: teoria e prática. 5 ed. revista e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

SOLER, R. Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

THURLER, MG. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre (RS): ARTMED, 2002.

WOOD JÚNIOR, T. Gestão empresarial: o fator humano. São Paulo: Atlas, 2002.